

“Brava Gente! O Grito dos Excluídos no Bicentenário da Independência”



Carnavalescos
ALEXANDRE LOUZADA E ANDRÉ RODRIGUES

HISTÓRICO DO ENREDO

“A ideia deste enredo não surgiu como inspiração. Ele foi provocado pela percepção da enorme quantidade de sujeira, de lixo que nos cerca e nos está sufocando. (...) É obrigação de todos nós participar deste trabalho. Cada um deve agir à sua maneira. No nosso caso nós sabemos fazer Carnaval. É nosso ofício. Que seja através dele, então, que a gente proteste. Esperamos, assim, contribuir para o despertar do gigante que somos nós mesmos.”
Joãosinho Trinta

Quem não ouviu a nossa voz no ano que passou dessa vez sentirá a força que tem a Brava Gente da BAIXADA FLUMINENSE, unida às muitas vozes dos abandonados, dos marginalizados e EXCLUÍDOS.

Em 2022, neste mesmo local, falamos sobre a necessidade do reconhecimento da intelectualidade negra, desprendendo as bases de referência do conhecimento das matrizes branco-europeias. A necessidade de uma visão afro-centrada, segundo nosso enredo, vislumbrava um mundo mais igualitário, ao combater a lógica racista. Reconhecendo saberes para além da academia, o desfile falava também sobre a intelectualidade orgânica, esta que se manifesta diariamente nos terreiros das escolas de samba. O movimento EMPRETECER nos trouxe até aqui, neste mesmo lugar, para rever a história de um marco importantíssimo na formação do Brasil, desta vez por um viés afro-indígena, e, consequentemente, popular.

Estamos concentrados à espera da sirene e quando for a hora entraremos sem medo. Não haverá máscara, não nos esconderemos, seremos a nossa verdade; a mesma que nos veste e dá sentido aos nossos sonhos. De mãos dadas, respirando fundo, peito aberto e o olhar voltado ao céu. A confiança no irmão e irmã que está ao lado, tomados pelo espírito mais subversivo possível ao fazer carnaval, tomados pelo espírito Beija-Flor. Entrar na avenida para fazer história ao refazer a história.

ABRAM ALAS!

O processo de construção e desenvolvimento deste enredo foi tributário das contribuições produtivas e generosas de uma série de indivíduos e organizações. Uma obra coletiva que buscou a pluralidade desde sua concepção.

Agradecemos especialmente a participação de todos os segmentos da escola que gentilmente compartilharam conosco suas impressões, concepções e demandas no processo de feitura. Intelectuais orgânicos a serviço de sua escola.

Também agradecemos as críticas, sugestões, comentários e percepções, cuja importância é inestimável, de intelectuais cuja trajetória, compromisso com as causas sociais e o trabalho servem de inspiração como AD Junior, Adriana Facina, Ana Flávia Magalhães Pinto, Ana Paula Alves Ribeiro, Anielle Franco, Aydano André Motta, Carly Machado, Casé Angatu Xukuru Tupinambá, Daniel Munduruku, Dom Filó, Edson Kayapó, Flávia Oliveira, Gilson Rodrigues, Jurema Werneck, Leonardo Bruno, Lilia Schwarcz, Lola Ferreira, Lorraine Pinheiro Mendes, Luiz Rufino, Marcelo David Macedo, Messias Basques, Milton Ribeiro, Rutian Pataxó, Sueli Carneiro, Taís de Sant’ Anna Machado, Thayssa Menezes, Wlamyra Albuquerque e Zeneida Lima.

Além dessas lideranças, agradecemos a coletivos como Ação da Cidadania, Anistia Brasil, Coalizão Negra por Direitos, Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro, Geledés - Instituto da Mulher Negra, Gerência de Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial, Instituto Cultne, Instituto Enraizados, Instituto Marielle Franco, Movimenta Caxias, Movimento dos Trabalhadores por Direitos, Uneafro Brasil e Visão Coop.

A escola se beneficiou da realização de atividades que promoveu, como aulas públicas, mesas de debates e rodas de conversa em diferentes espaços. Destacamos a participação da Beija-Flor de Nilópolis na exposição “Atos de Revolta: outros imaginários sobre independência”, realizada no MAM Rio, cuja afinidade temática propiciou o convite de uma parceria feliz e de sucesso. A escola ocupou o museu através de uma série de atividades que valorizam a qualidade da produção artística e intelectual da agremiação, pautando as reflexões propostas no enredo para muito além do desfile.

No mês de janeiro, reconhecendo a importância do debate e identificando a densidade do enredo construído, a ONG Artigo 19 e a Organizações das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) entraram em contato para se somar no processo e efetivar uma colaboração que muito nos orgulha.

Este enredo é, portanto, uma obra coletiva, produzida a partir de um amplo processo de diálogos, escutas, trocas e comunhão de ideias, concepções, compreensões, desejos e sonhos, muitos sonhos.

Com enorme satisfação e confiança pela maneira ampla, diversa, plural e associativa que este trabalho foi concebido e realizado, apresentamos, orgulhosos, “Brava Gente! O Grito dos Excluídos no bicentenário da Independência”.

SINOPSE

Está no Dicionário:

Independência – estado, condição, caráter do que ou de quem goza de autonomia, de liberdade com relação a alguém ou algo.

Não existe autonomia quando apenas uma via é apresentada: a da exclusão.

Não existe liberdade quando estamos presos a decisões de uma minoria que não nos enxerga.

Por isso questionamos: QUE INDEPENDÊNCIA É ESSA?

Ainda vivemos à sombra de um Sete de Setembro, eternizado por uma história única contada nas escolas. História que constrói um mito fundador da “liberdade” de uma nação passada de pai para filho. A cena imortaliza a imagem de força de um libertador que mal conseguia manter suas calças limpas. História eternizada em um gigantesco quadro chamado “Independência ou Morte”, que fantasiou a realidade, a retratando como um ato de bravura e heroísmo.

Oferecemos, então, uma outra via, real e que pode ser sentida até hoje no coração do Brasil. Não é o brado solitário do imperador que representa a nossa libertação. O que demarca nossa independência, aquela em que acreditamos e que aqui reivindicamos como verdadeiro marco, é o ato incendiário de Maria Felipa, o sacrifício de Joana Angélica e a coragem de Maria Quitéria, heroínas das lutas travadas ao longo de mais de um ano na capital da Bahia, com vitória retumbante dos nativos, fundamental para a emancipação brasileira. O que nos inspira é a figura do caboclo, valente, lança em punho, esmagando o dragão, bradando um grito de êxito. Foi no dia Dois de Julho de 1823, na Bahia, que a luta popular expulsou de forma definitiva as tropas lusitanas que insistiam em subjugar o país.

O Dia da Independência que reivindicamos é comemorado ao som de batuques de caboclo e cantando que até o sol é brasileiro. Precisamos festejar os marcos populares em festas carregadas de brasilidade, reconhecendo o protagonismo feminino e afro-ameríndio. Somos aqueles e aquelas que, excluídos dos espaços de poder, ousam ter esperança no amanhã.

A história prova que foi através da luta incessante que conquistamos nossos avanços. Foi no brado forte e retumbante, não de uma voz única, mas sim pelo ecoar da vontade inabalável do povo brasileiro. Brado coletivo que se espalhou pelo Brasil, principalmente no norte e nordeste, bem longe de onde a história oficial fantasia o protagonismo da independência desta nação. Longe de São Paulo, seus museus e do Vale do Paraíba.

Não à toa, hoje, na Sapucaí, nos vestimos em honra e glória às grandes lutas desta nação, homenageando a galhardia daqueles que travaram as principais batalhas na busca por uma

nação livre de verdade. Convocamos o povo, para incorporar e orgulhar-se do legado combativo de nossa gente por justiça, liberdade e igualdade. O Brasil precisa reconhecer os muitos Brasis e suas batalhas genuínas, travadas pelos verdadeiros filhos deste chão.

Este é um chamado para todos aqueles que se sentem excluídos de um país que não os reconhece como cidadãos. Um país que ignora suas existências quando normaliza seus desaparecimentos. Um país que comemora duzentos anos da marginalização da sua própria gente.

Desfilamos o pesadelo do nosso algoz: a verdade! Sabemos que nossas histórias não terminam antes do fim.

Convocamos porque hoje não pode mais haver degredo. Não carregamos culpa, carregamos sonhos. Disputamos, dia após dia, em todas as frentes, um espaço no poder desta nação. A independência é uma obra em processo e que nos move ao alvorecer do dia que virá.

Intimamos o povo para este ato que pretende revelar que o enredo que eles criaram não tem cor e não há brilho no olhar de quem marcha em suas paradas. A República é a alegoria do tétano e seus dragões da opressão. Sambaremos em cima dos seus tanques: corpos e culturas que resistem e através do tempo reexistem para afrontar o bélico que marcha tendo o medo como aliado, no intuito de manter a ordem. É uma eterna tentativa de vigiar, dominar e aprisionar os povos dos muitos Brasis em uma história única, mitológica. Louvam seus heróis em um processo de apagamento das camadas populares. Processo de exclusão social, política, econômica e da própria história.

IRMÃO E IRMÃ, os símbolos que abraçam o poder, a tirania e a opressão sequer nos acenam com um cínico sorriso, como quem finge simpatia. Vivemos até então na *República Demagógica do Brasil*, que veste fardas e sustenta o lema da sua bandeira ao desfilar na rua o “orgulho da pátria”. Ruas essas que, nas paradas de Sete de Setembro, são impedidas de receber os verdadeiros agentes civilizatórios desta nação: os brasileiros e brasileiras. Esses que estão gritando por uma nação livre que quer ser cidadã com a garantia dos direitos fundamentais: trabalho digno, moradia, alimentação, participação popular, igualdade de direitos e liberdade plena.

Uma nação verdadeiramente independente é a que sonhamos para esta BRAVA GENTE brasileira, que segue derramando seu sangue e suor em busca de dignidade e autonomia. Desfilamos POR UM NOVO NASCIMENTO DO BRASIL. A partir daí, seremos a MÁTRIA SOBERANA, com o povo no poder do Brasil que queremos ter.

Em cortejo seguiremos, unidos, por via da maior manifestação cultural do país, como um grande cordão, formado pelos que sempre foram renegados na história nacional e que, para espanto dos detentores do poder, são os grandes construtores desta nação. Desfilarão diversas expressões culturais, recriando e apresentando os seus Brasis, lembrando que enquanto se luta, se samba também. Alegria é manifestação de esperança.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A Beija-Flor de Nilópolis acredita que o bicentenário da Independência é um momento propício para uma reflexão profunda acerca do próprio caráter do país. Afinal de contas, o que é o Brasil? Compreender a fundo a nossa história é fundamental para o entendimento dos dilemas, impasses, conflitos e contradições que nos constituem. Ao mesmo tempo, é indispensável para a projeção de futuros possíveis.

O carnaval carioca, *alegria e manifestação*³, não poderia ficar de fora da ampla discussão suscitada por esta efeméride. A festa, um espetáculo artístico de inegável dimensão política e pedagógica, consolidou-se como um espaço privilegiado para a discussão e a disputa de questões caras à sociedade brasileira. Ciosa de sua tradição contestadora, a Deusa da Passarela irá, por mais uma vez, ocupar o espaço público para debater um tema de interesse nacional.

Nosso desfile, um ato cívico, será uma intervenção crítica neste debate ao reivindicar o papel ativo, decisivo e protagonista do povo brasileiro na história do Brasil. Ato contínuo, também iremos denunciar os mecanismos da exclusão – material e simbólica – promovida contra esta brava gente que segue em luta para edificar um Brasil do tamanho dos seus sonhos. Um Brasil de muitos Brasis.

A narrativa do desfile se desdobra a partir da desconstrução do Sete de Setembro como mito fundador da nação, evidenciando que esta construção promoveu o apagamento do caráter conflitivo que envolveu o movimento da independência. Um mito apaziguador. Ao invés deste mito, reivindicamos o Dois de Julho de 1823 como o marco de uma independência conquistada decisivamente através de batalhas com forte protagonismo popular. É a defesa de uma abordagem mais inclusiva, plural e diversa sobre este processo histórico e do papel categórico cumprido por brasileiros e brasileiras que dedicaram suas vidas à causa nacional.

Em sequência, demonstramos que, concluída a emancipação política, o Estado nacional foi erguido através da manutenção do *status quo*, motivo pelo qual a brava gente brasileira, verdadeiros heróis e heroínas, seguiu mobilizada e organizou levantes, revoltas e motins em prol de direitos e, sobretudo, pela liberdade. São imaginações políticas que sustentaram atos de revolta.

Os mecanismos de exclusão e controle operados no período republicano são expostos no setor seguinte para promoção do entendimento do caráter autoritário e desigual que fundamenta esta nação. A parada militar do Sete de Setembro é um rito eficaz ao celebrar o mito fundador de uma nação forjada na violência para manutenção da ordem.

Logo após esta denúncia, o desfile faz o reconhecimento do papel civilizatório e exemplar dos movimentos sociais em diferentes lutas por autonomia, dignidade e justiça, tarefas inadiáveis para que sejamos, de fato, uma nação independente.

³ Verso do samba enredo da Beija-Flor no carnaval de 1989, o lendário “Ratos e urubus larguem a minha fantasia”, de autoria dos compositores Betinho, Glyvaldo, Zé Maria e Osmar.

Por fim, compreendemos as criações e reconstruções artísticas dos cortejos, ritos, procissões, atos e manifestações da cultura popular como formas de esperar, ou seja, alimentar a utopia real, a crença concreta e coletiva de converter sonhos em realidades. A cultura popular brasileira emerge como um grande manancial de aspirações e fabulações de futuros possíveis. É a expressão da pluralidade e diversidade que entendemos como potência de um país que somente será independente quando valorizar a riqueza da diferença.

Naquele Dois de Julho, o Sol do Triunfar

A história nacional é uma narrativa única, uma produção política tecida pelos detentores do poder para forjar um sentido do que somos enquanto nação através da invenção e da seleção de símbolos pátrios. A fabricação do Sete de Setembro de 1822 como o grande mito fundador do Estado brasileiro é central neste processo. Por meio de símbolos e de obras de arte, como o quadro “*Independência ou Morte*” do pintor Pedro Américo, o grito do Ipiranga transformou-se no ato histórico decisivo da emancipação política do Brasil. O brado heroico do príncipe regente teria sido o gesto definitivo da libertação.

O mito do Sete de Setembro, criado retrospectivamente, originou a ideia da independência como um movimento negociado e pacífico, um “desquite amigável”, como definiu o diplomata e historiador Manuel de Oliveira Lima. Enquanto elevou Dom Pedro I ao posto de herói libertador, este mito provocou o apagamento da história das guerras de independência, uma série de conflitos bélicos que ocorreram no decurso do processo emancipatório. Para além das margens plácidas do riacho, houve morte para consolidação da independência.

A invenção do grito do Ipiranga como gesto inaugural da nação é um mecanismo de exclusão e silenciamento do papel popular na consecução da autonomia política. O historiador João Paulo Pimenta assinala que as guerras de independência foram determinantes para construir a unidade política e territorial do Império do Brasil. Batalhas emblemáticas foram cruciais para que a causa brasileira triunfasse, atestando a relevância destes eventos para a compreensão do processo de independência.

Pela sua duração, envergadura e desdobramento, a guerra que se instalou na província da Bahia foi certamente a mais marcante dentre estas. Durante um ano e quatro meses, tendo, portanto, início anterior e desfecho posterior ao Sete de Setembro, o destino nacional teve este território como palco privilegiado. O confronto - na província onde os invasores portugueses aportaram em 1500 - foi central no processo de ruptura que garantiu a soberania.

Até que em Dois de julho de 1823 *até o sol foi brasileiro*⁴. **O dia em que o povo ganhou**, como de maneira feliz e inspirada cunhou o historiador Joel Rufino dos Santos. Esta data marca a vitória brasileira com a expulsão dos portugueses e, desde então, é lembrada através de uma grande festa popular que tem cheiro, cor e sabor de brasilidade. Uma comemoração cívica que reproduz o trajeto da entrada triunfal das tropas patrióticas em Salvador.

⁴ Verso do Hino do Dois de Julho, Hino oficial do estado da Bahia. Composição de Ladislau dos Santos Titara e José dos Santos Barreto.

Esta algazarra nas ruas, encontra nas figuras do caboclo e da cabocla símbolos do triunfo, funcionando tanto como uma referência ao papel de indígenas na guerra, quanto como uma reverência à ancestralidade dos donos da terra. A frente de batalha contava com a presença de vários grupos negro-mestiços, um partido negro em luta pela liberdade. O papel de destaque de muitas mulheres, como Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Filipa, verdadeiras heroínas da pátria, acentua o protagonismo feminino que se contrapõe a uma escrita da história centrada no paradigma da masculinidade.

O bicentenário daquele Dois de Julho de 1823 é a data que celebramos como marco da emancipação política. Como afirma a historiadora Wlamyra Albuquerque, a independência foi garantida nos campos de batalhas e não apenas nos palácios. Por isso, reivindicamos o caráter nacional desta data e louvamos, de forma festiva, os heróis e heroínas que o realizaram. Desta forma, defendemos uma representação mais inclusiva sobre este processo histórico ao trazer para o centro da cena a presença de personagens historicamente invisibilizados.

Atos de revolta: a heroica desobediência civil

Ainda que a participação popular tenha sido crucial para obtenção da soberania em relação a antiga metrópole, as elites oligárquicas ergueram um Estado cujo objetivo era garantir a permanência do caráter violento, desigual e excludente, em uma lógica que se estabeleceu na colonização e se estende até hoje. As diferentes elites regionais possuíam divergências e eram muitas as tensões sociais existentes naquele período. Porém, o medo de uma insurreição de negros e mestiços, como houvera no Haiti, e o desejo de manutenção da estrutura social, serviram para efetivar uma unidade em torno de três pilares fundamentais: a escravidão, o latifúndio e a monarquia.

Por sua vez, nosso povo permaneceu em luta. Formou redes de proteção comunitária e fortalecimento coletivo, além de ter organizado um conjunto de movimentos de reivindicação e contestação. Se a ordem é injusta, a desobediência civil é a resposta. Foram incondições, levantes, motins, revoltas e insurreições que atestam distintas imaginações políticas e projetos de país.

Compreender a imaginação política destes heróis e heroínas de tantas lutas inglórias é reivindicar o seu legado nos desafios do presente. Mais do que inspiração e exemplo, são ancestrais que se encantaram sonhando e lutando por um país melhor. Retratamos a galhardia, a bravura e o destemor de personagens populares que se mobilizaram no empenho de alcançar melhores condições de vida e pelo direito de ter direitos.

Síntese do espírito contestatório e mobilizador deste período histórico, o movimento abolicionista é um exemplo vitorioso de organização política que exerceu forte pressão sobre as instituições imperiais até conseguir a façanha de realizar sua pauta. Compreendido aqui como primeiro grande movimento social brasileiro, o movimento abolicionista envolveu e mobilizou amplos setores da sociedade civil através de um repertório de práticas e formas de ação tão diversificadas quanto eficazes⁵.

⁵ Conferências, manifestações, concertos, assembleias, prêmios, ações de propaganda, declarações públicas, discursos, jornais, panfletos, obras de arte, arrecadação de fundos, compra de liberdades individuais, libertações coletivas de escravizados, incitação e auxílio a fugas, obstrução do embarque de escravizados em portos e estações, enfrentamento e etc.

Manutenção da Ordem e o Progresso da Exclusão

A proclamação da República, no crepúsculo do século, também teve caráter extremamente conservador. Este período histórico marcou a conclusão do longo processo de construção nacional. Se o Império ofereceu o mito fundador, a República forneceu a bandeira e o lema: *ordem e progresso*.

Provando que no Brasil as ideias estão sempre fora de lugar, nossa República já nasceu velha. Da espada, oligárquica, dos coronéis e barões, do café com leite e dos ideais eugenistas. Restringindo a participação na vida cívica a pouquíssimos, discriminando por raça, credo, gênero e orientação sexual. O povo brasileiro seguiu ausente dos espaços decisórios. Brutalmente violento, o Brasil é descrito por seus *intérpretes/inventores* como um país pacífico e harmônico, destinado à glória no porvir enquanto, no presente, seus filhos e filhas morrem de fome. Excluídos, à margem. O tal “país do futuro” foi eficaz em elaborar uma imagem de si que mascara sua verdadeira face.

A elite agrária firmou um estado de compromisso com os militares, uma aliança que lhes permitiu manter seu poder e dominação em troca de votos em um país onde, até hoje, não houve uma reforma agrária. Após a abolição, não houve qualquer política de integração ou reparação e o racismo se perpetuou através de um aparato jurídico cujo objetivo era o controle dos corpos negros e a discriminação de suas crenças.

Os negros e negras se transformaram em assunto de polícia e não de política. Entregues à própria sorte, foram preteridos do trabalho assalariado enquanto assistiam um amplo incentivo à vinda de imigrantes brancos, subsidiados em um país cuja intenção era eliminar a presença negra.

A democracia, entre nós, sempre foi um terrível mal-entendido. É curioso constatar que foi pretensamente com a intenção de defendê-la que corriqueiramente a golpearam. O fantasma do comunismo, o *perigo vermelho*, recorrentemente foi mobilizado como justificativa para o recrudescimento do controle social.

O Sete de Setembro é transformado em “Dia da Pátria” e ritualizado no espaço público, todos os anos, através de desfiles bélicos. O rito histórico que exalta a independência nacional é uma parada militar, um desfile de armas, onde o povo é um mero espectador. Esta ritualização do nascimento da nação é um mecanismo que evidencia o caráter hierárquico e violento de um país que nega a cidadania aos seus habitantes e silencia acerca do seu papel na história.

Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, no livro “Encantamento: sobre política de vida”, alcançam a instigante conclusão: o Brasil deu certo. O projeto de nação que o Império e depois a República idealizaram foi exitoso no seu intento primordial: a manutenção da ordem através da força. Desigualdade e violência, este é o Brasil projetado pelas nossas elites e que provoca a nossa exclusão – social, simbólica e física. Este é o Brasil.

Brava gente por um novo nascimento

Enquanto o Estado, através de dispositivos como a tutela, o controle e a violência, negou direitos e não garantiu a cidadania plena aos seus habitantes, o povo se organizou em coletivos para exigir e implementar melhores condições de vida e a restauração da democracia.

Através do enfrentamento e da denúncia, do debate público e da ação institucional, os movimentos sociais ocupam as ruas afirmando sua existência e disputando o hoje sem jamais se submeter.

Nós, dos sertões, das roças, florestas, quebradas, favelas, subúrbios, aldeias, quilombos, terreiros, do campo e da cidade, estamos à margem, excluídos deste projeto de país que venceu. Mas nós estamos vivos, resistindo e produzindo, sonhando e avançando, e nós jamais iremos nos curvar. Esta é nossa história e nossa forma de ser: viver é lutar!

Em conversa preliminar sobre este enredo, a filósofa e ativista Sueli Carneiro nos ensinou: “os movimentos sociais são os verdadeiros agentes civilizatórios deste país”. Esta frase objetiva, direta e carregada de sentido histórico, sintetiza a nossa compreensão sobre a função social e política da sociedade civil organizada na história do Brasil.

As pautas fundamentais para uma nação soberana, independente e justa são muitas e passam, inescapavelmente, pela garantia de conquistas cívicas do povo. Lutamos pela terra, igualdade plena, trabalho digno, saúde, educação, alimentação, liberdade de ser e participação popular. Enaltecemos os diferentes movimentos que através da ação coletiva colocam estas pautas na ordem do dia.

É através da força das nossas mobilizações, dos nossos movimentos e da nossa coletividade que não apenas disputamos os rumos deste país, mas solidificamos as bases para sua reconstrução. É a Beija-Flor clamando por um novo nascimento.

Pela Nossa Independência, Por Cultura Popular

No encerramento do cortejo, mergulhamos na cultura brasileira para demonstrar a potência de sentidos que ela exprime, sementes de um amanhã que há de chegar. A brava gente brasileira não apenas sobrevive, ela, permanentemente em luta, também ousa ter esperança no amanhã. Esta é uma necessidade material, é preciso ter utopias, projetar no futuro a realização do que hoje é um sonho. É preciso constituir um Brasil outro, um Brasil dos muitos Brasis que existem. Um país que respeite, promova e valorize a sua diversidade como um fundamento nacional.

Esta utopia de um país diverso e plural encontra justamente na arte e na cultura seus principais veículos de promoção. São expressões daquilo que a antropóloga Adriana Facina classifica como narrativas de esperança. “*A esperança, portanto, remete a um futuro em aberto, indeterminado e sempre por fazer, que tem a semente como metáfora de uma potencialidade*”. Nas palavras do grande educador brasileiro Paulo Freire, “*esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...*”. Esperançar é o verbo que nos move.

Idealizamos, através de outros ritos, perspectivas e projeções desses muitos outros Brasis que nos inspiram. Pensamos e repensamos os símbolos, personagens, temas e narrativas nacionais e oferecemos aqui outras representações, ideias e conceitos. Pautados pela valorização da contribuição popular, desfilamos as muitas possibilidades de futuro ao romper com a lógica excludente e hierárquica que caracteriza a história brasileira. Por meio de nossas manifestações artísticas, festivas e religiosas, cultuamos e preservamos nossa ancestralidade e os saberes tradicionais resistindo a toda fúria de domesticação dos corpos e aniquilação da diversidade de práticas, costumes e experiências. Ao mesmo tempo, alimentamos anseios, desejos e sonhos que almejamos realizar no porvir.